

ENTRE O CONTEÚDO HISTÓRICO E A FORMAÇÃO CIDADÃ: ENSINO SOBRE A ANTIGUIDADE EGÍPCIA NO CONTEXTO DO PIBID HISTÓRIA

Isaque Lima da Silva ¹

Josiane Pereira de Farias ²

Iuri Jordão Queiroz de Farias ³

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo relatar uma sequência didática realizada no âmbito do PIBID na Escola Estadual Dom José Adelino Dantas - RN, onde foi trabalhado, de forma conjunta aos conteúdos programáticos sobre o Egito Antigo, temas contemporâneos necessários para a formação cidadã, como o combate ao machismo, à intolerância religiosa, ao *bullying* e ao racismo. O foco deste artigo é demonstrar que os conteúdos históricos podem ser trabalhados para além de si mesmos, trazendo formas de aproximar o passado distante no tempo com as demandas do tempo presente. As propostas foram desenvolvidas embasadas em referenciais teóricos sobre a emergência de uma sociedade igualitária e diversa na Base Nacional Comum Curricular e em bibliografias sobre o Ensino de História Antiga e do Egito Antigo e nas formas como este pode ser mobilizado em sala de aula. Os resultados obtidos foram analisados a partir de uma abordagem qualitativa, onde observou-se, por um lado, certa resistência em metade da turma para o debate das temáticas, enquanto, por outro lado, a outra parte da turma engajou-se de forma favorável. Nesse sentido, mesmo os estudantes que não se engajaram obtiveram resultados positivos quando os conhecimentos acerca dos temas históricos e contemporâneos foram testados. Logo, ao reconhecermos o impacto positivo das propostas didáticas aplicadas, esperamos demonstrar que a História é um amplo espaço para a formação de cidadãos críticos, preocupados com o fomento de uma sociedade mais justa e diversa.

Palavras-chave: Ensino de História, Formação cidadã, Prática docente, Egito Antigo.

1 Graduando do Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, Bolsista do Subprojeto de História do PIBID UFRN, isaquelimam@outlook.com;

2 Graduando do Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, Bolsista do Subprojeto de História do PIBID UFRN, joseanefarias270@gmail.com;

3 Professor orientador: Mestrando do Mestrado Profissional em Ensino de História - UFRN, iurijordao@yahoo.com.br.



INTRODUÇÃO

O presente artigo expõe vivências dos bolsistas do Programa de Bolsa de Iniciação à Docência do subprojeto história, ligado à Universidade Federal do Rio Grande do Norte, fomentada pela Capes, no contexto da turma do sexto ano “C” da Escola Estadual Dom José Adelino Dantas, localizada no município de Natal, onde uma sequência didática sobre a Antiguidade egípcia abordou, de forma conjunta, o conteúdo programático e temas úteis para a formação cidadã dos discentes, de forma a promover as diversidades e o desenvolvimento do senso crítico a partir da ponderação em sala de aula.

A princípio, se faz necessário compreender a emergência dos temas para a formação cidadã dentro do contexto de aulas do sexto “C” e quais destes temas foram mobilizados dentro da temática do Egito Antigo. O sexto “C” possui 32 discentes matriculados, tendo em média de alunos que ativamente estão presentes nas aulas cerca de 18 estudantes, que em sua maioria já repetiram alguma série. Durante um período de observação e diagnóstico da turma, observamos que, dentro das dinâmicas entre os discentes em sala de aula, houveram muitos comentários pejorativos com a presença de ideais pautados no machismo, racismo, homofobia, no *bullying* e na intolerância religiosa. Assim, de forma a combater tais discursos discriminatórios e observando a escola como espaço de aprendizagem que “deve se fortalecer na prática coercitiva de não discriminação, não preconceito e respeito às diferenças e diversidades” (BRASIL, 2018, p. 14), compreendemos a necessidade de abordar dentro dos conteúdos programáticos tais problemáticas.

Nesse sentido, elaborou-se uma proposta de sequência didática pensando no combate ao racismo, machismo, bullying e intolerância religiosa dentro do conteúdo selecionado para o segundo bimestre: o Egito Antigo.

Tal proposta foi aplicada em três aulas durante o período de Julho e Agosto de 2025, utilizando como recurso didático slides, filmes, vídeos e tours on-line, de forma a mobilizar os espaços públicos digitais e envolver os discentes nos debates propostos mediante à análise crítica dos mesmos sobre os conteúdos expostos, seguindo a problematização dos mesmos.

Para compreender se as intervenções surtiram algum efeito, a cada aula foi elaborada uma pequena atividade avaliativa que sumariamente retomava os debates propostos e buscava exercitar o pensamento crítico do discente. A última atividade proposta, que será apresentada posteriormente, foi elaborada com base em todos os diálogos estabelecidos até então, sendo esta o instrumento principal para a coleta de dados, além da observação contínua.





Ao decorrer das intervenções em aula, notou-se certa resistência ao abordarmos os temas de contemporâneos entre os discentes que originalmente proferiram os comentários com teor discriminatório enquanto, inversamente, os discentes que foram vítimas de tais comentários obtiveram participação maior. Apesar desta diferença no engajamento, ambos os grupos demonstraram a absorção dos debates e do conteúdo programático, demonstrando um desenvolvimento no concernente ao respeito, à aceitação da diversidade e à compreensão das desigualdades dentro da sociedade.

Dessa forma, percebemos que, para além do ensino dos conteúdos históricos contidos no currículo, as aulas de história possuem um potencial muito mais amplo e importante para a vida dos discentes. Tais debates são essenciais para a formação cidadã dos alunos, de forma a que possam integrar uma sociedade mais humana e diversa.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como documento norteador para a educação no Brasil demonstra, em seu texto, a preocupação com a formação de cidadãos aptos a construir uma sociedade mais diversa, inclusiva e justa, apoiando no processo de aprendizagem práticas “sintonizadas com as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes e, também, com os desafios da sociedade contemporânea” (BRASIL, 2018, p. 14). Especificamente para a área das ciências humanas no ensino fundamental, a BNCC aponta como competência específica a ser trabalhada:

Construir argumentos, com base nos conhecimentos das Ciências Humanas, para negociar e defender ideias e opiniões que respeitem e promovam os direitos humanos e a consciência socioambiental, exercitando a responsabilidade e o protagonismo voltados para o bem comum e a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva (BRASIL, 2018, p. 357).

De tal forma, diante da problemática dos comentários pejorativos dentro do ambiente escolar, se fez necessário a intervenção dos professores em formação, de forma a atender “às demandas sociais presentes nas escolas, o que proporciona aos alunos da educação básica perspectiva histórica” (OLIVEIRA e SOUZA, 2017, p. 115).





Reconhecendo as limitações dos contatos entre os bolsistas do PIBID e a turma na qual atuam, tais debates haveriam de ser realizados nos momentos de intervenção em sala de aula, utilizando como ponto de partida os conteúdos programáticos que, no contexto do segundo bimestre, estavam direcionados às civilizações da Antiguidade. Assim, optou-se por trabalhar a partir do Egito Antigo.

A escolha de tratar tais temas a partir do Egito Antigo não foi aleatória, mas influiu de um amplo debate sobre o potencial pedagógico em se trabalhar esta temática em sala de aula.

O principal argumento para a escolha do tema e, posteriormente, a principal forma de conduzir os debates nas intervenções foi as representações do passado egípcio nas mídias, sendo em filmes, séries, desenhos e livros, construídos a partir de uma série de usos do passado e recepções baseados na egiptomania. Por egiptomania compreende-se a “apropriação e a reinterpretação de elementos da cultura egípcia, com vistas à criação de novos significados e usos” (BAKOS, 2003, p. 1). Assim, o Egito Antigo é constantemente retomado em obras cinematográficas de forma direta, como nos filmes “*X-Men Apocalipse*”, “*Indiana Jones*” e “*A Múmia*” ou de forma indireta, como em “*Adão Negro*”, que apresenta na cidade fictícia de Kandak uma representação do antigo Egito. Desta forma, os discentes possuem em seu imaginário uma imagem idealizada sobre o que foi o Egito Antigo, que é historicamente incompleta e pode ser contestada e comparada com o passado, abrindo os caminhos para outros temas dentro do conteúdo programático.

Ao abordar o passado em sala de aula, se faz necessário desconstruir a imagem cristalizada do mesmo de forma dinâmica e pedagógica, estabelecendo na construção de conhecimento posterior uma imagem baseada nos vestígios históricos e com menor influência das representações propostas pelas mídias. Assim, se tratando do passado egípcio, buscamos aproximar as formas que o passado é representado e as formas na qual o passado resiste por meio dos vestígios sistematicamente desconstruindo os estereótipos a partir da contraposição.

De forma sintética, expor o passado pelas lentes midiáticas e pelas lentes “históricas” uma forma positiva de iniciar os debates sobre o Egito, trazendo ao centro do debate o que os estudantes sabem sobre o Egito e demonstrando, ao estudante, que o passado pode ser apropriado de diversas formas sem ser necessariamente de forma científica e fidedigna.





Uma das formas de observar as formas de representação do passado egípcio e seus usos do passado vem por meio da análise de discurso a partir de uma questão de raça. Para Raísa Sagredo (2023, p. 254) muitos estudantes relacionam o Egito como pertencente à Europa a partir de diversas representações abundantes na mídia da Antiguidade egípcia com base no eurocentrismo, como percebido no constante *whitewashing* (ou embranquecimento) dos egípcios, e, em especial menção, à Rainha Cleópatra. Ella Shohat (2004, p. 11–54) defende que tais representações embranquecidas do Egito foram sistematicamente utilizadas para promover o discurso que, sendo uma grande potência da Antiguidade com diversos avanços tecnológicos e monumentos estonteantes, o Egito não poderia ter sido governado por pessoas negras. De tal maneira, ao abordar a questão da raça no Egito Antigo e como as representações na contemporaneidade retratam isto, podemos estabelecer um amplo diálogo sobre o racismo em voga na sociedade atual, abordando, portanto, um dos temas elencados para a turma.

Um dos temas que mais desperta a atenção dos estudantes são as crenças egípcias antigas, por estarem distantes temporalmente e tendo um ar místico e esotérico, fruto das representações audiovisuais do Egito. Dentro desse contexto religioso, encontramos os debates sobre monumentos, tidos como formas em que o passado se mantém vivo em períodos posteriores à sua fabricação (FABRÍCIO, 2024). Dentro do contexto da produção dos monumentos egípcios, encontramos em diversos destes discursos de legitimação real, onde os faraós e figuras do alto escalão administrativo se apresentavam em associação à divindades egípcias, buscando, desta forma, se afirmarem como legítimos administradores, como observado no obelisco de *Hatshepsut*, Faraó do Egito na Décima Oitava Dinastia que, para ser melhor aceita pela população como governante, adotou símbolos e vestimentas masculinas em suas representações, de forma a se impor como uma figura masculina (LICHTHEIM, 2006, p. 25-29; TEODÓSIO e NETO, 2021 p. 3-4). A partir da mobilização de Hatshepsut e os debates acerca do suposto apagamento feito pelo Faraó que a sucedeu e todo o seu esforço para se legitimar como Faraó, podemos alargar o debate da religiosidade egípcia para as questões de gênero, abordando o machismo estrutural que impediu, por muito tempo, de mulheres ascenderem a posições de poder no passado e na atualidade. Tais debates buscam alertar os discentes sobre o machismo, demonstrando a incompatibilidade deste discurso com a realidade atual e de como é necessário combatê-lo para alcançar uma sociedade mais justa para todos.



METODOLOGIA

Mediante o horizonte teórico e a necessidade da turma, a sequência didática foi dividida em três aulas. Cada aula versava sobre um tópico concernente ao Egito Antigo, tratado em conjunto com um tema elencado para debate.

A primeira aula da sequência didática abordou, de forma introdutória, as representações do Egito Antigo e atual nas produções cinematográficas, onde utilizou-se o filme “X-Men Apocalypse” como ponto de partida, pois no mesmo há cenas ambientadas na Antiguidade (reiterando alguns estereótipos clássicos) e cenas no Egito dos anos 80.

A escolha deste filme dos *X-Men* como ponto de contato não foi puramente por possuir uma recepção do Egito, mas derivou do contexto na qual os *X-Men* como personagens da cultura Geek estão inseridos. Os *X-Men* foram criados por Stan Lee e Jack Kirby em 1963, sendo uma equipe de mutantes liderados pelo Professor Charles Xavier, que busca promover a coexistência pacífica entre humanos e mutantes, dado que os mutantes, por possuírem habilidades especiais, são desprezados e temidos pela sociedade humana. Tanto o filme quanto os quadrinhos abordam temas como preconceito, intolerância e a luta pela igualdade, contrapostos pelos ideais de Magneto e da Irmandade de Mutantes, outros mutantes que se observam como seres superiores à raça humana. De tal forma, abordou-se no contexto da sala de aula o bullying e a discriminação baseada nas diferenças a partir do filme, estabelecendo um diálogo aberto que foi retomado na atividade,

Após o filme, houve uma conversa multilateral sobre a veracidade das imagens do Egito apresentadas no filme, que foram contrapostas posteriormente. Sobre as imagens do Egito Antigo, apresentou-se um tour online da Grande Pirâmide de Gizé, demonstrando como de fato era o interior de uma pirâmide e, sobre as imagens do Egito na atualidade, foram apresentadas fotos do Egito nesta década, além de trechos selecionados do documentário “Os Segredos de Saqqara”, de 2020, onde arqueólogos egípcios trabalham nos arredores de uma tumba de particular, contrapondo a visão romantizada que as mídias constituíram sobre a arqueologia e seu ofício em produções como “*Tomb Raider*” e “*Indiana Jones*”.

A segunda aula da sequência abordou a religião egípcia, havendo uma explicação sobre o respeito à todas as religiões e crenças, reafirmando que tanto as religiões distantes temporalmente quanto as da atualidade devem ser reconhecidas como tal, independente das crenças individuais de cada um, de forma que a intolerância religiosa não seria acatada no ambiente escolar.





Após isto, abordarmos os monumentos da Antiguidade egípcia como forma de homenagem e culto aos deuses do Egito, dando foco ao Templo de Karnak e às construções da Faraó Hatshepsut, conversando sobre as dificuldades que a mesma enfrentou para assumir o trono do Egito e relacionando tais empecilhos com a realidade atual, onde diversas mulheres sofrem diariamente com o machismo, incidindo na pouca representatividade feminina em cargos de poder. Também relacionamos este tópico à desigualdade salarial que as mulheres padecem no mercado de trabalho, questionando se os discentes concordavam com esse fato. Por fim, falou-se de mulheres que ascenderam às posições de poder no âmbito nacional e estadual, como forma de incentivar o empoderamento feminino dentro da sala de aula.

A terceira e última aula da sequência abordou a questão da raça, retomando a análise das diversas representações do passado egípcio, desta vez voltando nossa atenção às representações de Cleópatra ao longo dos anos, debatendo os motivos pelos quais na maioria das vezes ela foi considerada uma mulher branca, e, a partir disto, expondo o *whitewashing* na indústria cinematográfica e a concepção racista de que pessoas negras, na Antiguidade e na Contemporaneidade, não seriam aptas a assumir posições de poder ou terem feitos grandiosos, como, por exemplo, terem construído as pirâmides.

No fim da terceira aula aplicamos uma dinâmica, onde a turma foi dividida em cinco grupos de três pessoas, cada uma recebendo quatro afirmações sobre o Egito Antigo e os debates que foram estabelecidos em sala. Após alguns minutos de ponderação, os estudantes deveriam ir à frente da sala, ler a afirmação e colocá-las em um quadro previamente dividido para receber as afirmativas como verdadeiras ou falsas. Ao colocar as frases no quadro, os estudantes deveriam explicar os motivos de sua escolha, como forma de trabalhar a oralidade, o pensamento crítico e a formulação coerente de opinião. A partir desta atividade e da observação contínua dos estudantes, obtivemos um balanço da efetividade da sequência didática.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao decorrer das intervenções em aula, observou-se que cerca da metade da turma não engajou-se plenamente, ficando à margem nos debates quando envolviam os temas úteis para a formação cidadã, tendo, dentro deste grupo, alguns dos discentes que teceram os comentários discriminatórios à outros alunos durante o período de diagnóstico e ambientação dos bolsistas e posteriormente.





Já a outra metade da turma, e em especial aqueles que sofreram os ataques ditos anteriormente, demonstrou um grande engajamento, participando das conversas e debates propostos.

As atividades das primeiras duas aulas não foram respondidas por todos os alunos e, apesar da resistência ao conteúdo, julgamos que tal fato se deu por problemas quanto à leitura e escrita. Assim, não as consideramos para os resultados.

A dinâmica aplicada na terceira aula foi essencial para a avaliação da sequência didática. Nela, dentre as 20 afirmações distribuídas aos grupos que deveriam julgar como corretas ou equivocadas e explanar brevemente na frente da turma, somente uma das frases foi colocada dentro da categoria ao qual não pertencia, demonstrando a compreensão dos debates estabelecidos na sequência didática, onde, mesmo sem a participação integral da turma, os conteúdos foram absolvidos pelos discentes e, de igual maneira, os debates levantados.

Se faz importante frisar que uma única sequência didática não bastará para que os estudantes desenvolvam plenamente uma percepção mais igualitária e simpática à diversidade, mas é um primeiro passo para posteriores sequências didáticas nesse sentido, abordando outros conteúdos programáticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto no presente artigo, consideramos que a didática da história vai além dos conteúdos programáticos, mas possui, intrinsecamente, o dever de abordar temáticas outras, necessárias para a formação do discente quanto cidadão.

Os conteúdos históricos podem ser observados a partir de uma série de formas diferentes, com recortes temporais e temáticos diversos que são mobilizados a partir da necessidade da turma e da formação do docente. Nesse sentido, buscar tratar dentro da aula de história sobre problemáticas do cotidiano dos estudantes demonstrou ser uma forma positiva de consolidar os conhecimentos necessários perante o currículo, sem, contudo, esquecer da parte social da formação discente.

De tal forma, consideramos que o ensino dos conteúdos históricos devem ser trabalhados para além de si mesmos, aproximando o passado distante temporalmente com as demandas do tempo presente, sendo um amplo espaço para a formação de cidadãos críticos, preocupados com o fomento de uma sociedade mais justa e diversa. Que próximas sequências didáticas sigam esta metodologia.





REFERÊNCIAS

BAKOS, Margaret M. **Egiptomania**: fragmentos do mundo antigo no Brasil. *In*: Simpósio Nacional de História, XXII, 2003, João Pessoa. Anais. João Pessoa, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

FABRÍCIO, Arthur Rodrigues. **Eu fiz para ti**: os aportes de Ramessés III (1187-1157 AEC) para o desenvolvimento da paisagem memorial tebana no Egito Antigo da XX dinastia. Orientadora: Dra. Márcia Severina Vasques. 2024. 794f. Tese (Doutorado em História) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2024.

LICHTHEIM, Miriam. Inscriptions from Royal Monuments: obelisk inscriptions of queen hatshepsut. *In*: LICHTHEIM, Miriam. **Ancient Egyptian literature**: volume II, The New Kingdom. Berkeley, Los Angeles: University of California Press, 2006. Cap. 2. p. 25-29.

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias De; SOUZA, Wendel de Oliveira. O PIBID e o espaço escolar como formadores de professores de história: os desafios para a junção teoria e prática. *In*: SÁ JÚNIOR, Lucrécio de Araújo; RIBEIRO, Cynara Teixeira; GONÇALVES, Marta Aparecida Garcia. **Compartilhando Saberes na Construção da Docência no PIBID/UFRN**. Natal: EDUFRN, 2017. 254 p.

SAGREDO, R. Repensando o Egito em sala de aula: estratégias e metodologias decoloniais. **Revista História Hoje**. São Paulo, v. 12, n. 24, p. 253-273, 2023.

SHOHAT, Ella. Des-orientar Cleópatra: um tropo moderno da identidade. **Cadernos Pagu**, n. 23, p. 11-54, jul. 2004.

TEODÓSIO, Gabriela Maria; NETO, José M. G. de Souza. Hatshepsut: dos obeliscos em Karnak para a sala de aula. **VII CONEDU - Conedu em Casa**. Campina Grande: Realize Editora, 2021.

